

ARTICULANDO GÊNERO E A PERSPECTIVA INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

*July Roberta dos Santos Amorim*¹, *Michele Pereira de Souza da Fonseca*²

*Leandro Teofilo de Brito*³

Resumo

Este artigo retrata parte das ações desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Educação Física na Perspectiva Inclusiva (PEFEPI) e tem como objetivo discutir e problematizar experiências de estudantes sobre gênero e esporte nas aulas de Educação Física. O referencial teórico apresenta discussões envolvendo o conceito amplo de inclusão, compreendendo o gênero como uma categoria da diferença e articulada à perspectiva inclusiva. Metodologicamente este estudo se baseia em uma abordagem colaborativa por meio de uma pesquisa-ação, também adotada no projeto de extensão. Participaram dessa pesquisa duas turmas de nono ano da escola onde atua o projeto de extensão, totalizando 65 estudantes. O perfil dos(as) estudantes configura-se em jovens de 14 a 16 anos, com maior predominância de meninos em ambas. Por meio da exibição de vídeos sobre gênero e esporte na aula de educação física, este artigo sinaliza a importância de construções coletivas para a materialização de ações formativas na perspectiva inclusiva que questionam o âmbito esportivo generificado, propondo diferentes abordagens do esporte, de modo a fomentar reflexões sobre contextos excludentes que ainda consideram o gênero enquanto dispositivo regulador.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Esporte; Gênero; Inclusão.

ARTICULATING GENDER AND THE INCLUSIVE PERSPECTIVE IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Abstract

This article shows part of the actions developed by the Extension Project Physical Education in an Inclusive Perspective (PEFEPI) and aims to discuss and problematize students' experiences about gender and sport in Physical Education classes. The theoretical framework presents discussions involving the broad concept of inclusion, understanding gender as a category of difference and articulated to the inclusive perspective. Methodologically, this study is based on

¹ Especialista em Educação Física escolar na Perspectiva Inclusiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



a collaborative approach through action research, also adopted in the extension project. Two ninth grade classes at the school where the extension project operates participated in this research, totaling 65 students. The students' profile consists of young people aged 14 to 16, with a greater predominance of boys in both. By showing videos about gender and sport in physical education classes, this article points out the importance of collective constructions for the materialization of formative actions in an inclusive perspective that question the gendered sporting scope, proposing different approaches to sport, in order to foster reflections on exclusionary contexts that still consider gender as a regulating device.

Keywords: School Physical Education; Sport; Gender; Inclusion.

1. Introdução

O debate sobre gênero na sociedade contemporânea cada vez mais tem sido disseminado, visibilizando a importância das lutas pelo reconhecimento de direitos igualitários entre homens e mulheres, além da pluralização dos sentidos do masculino e do feminino em variadas esferas da sociedade.

Entretanto, esse debate também é atravessado por um contexto de disputas. Conforme o relatório da Organização Internacional *Human Rights Watch*¹, desde 2014 legisladores brasileiros nos níveis federal, estadual e municipal, apresentaram mais de 200 propostas de lei para proibir uma suposta "doutrinação" ou a chamada "ideologia de gênero" nas escolas. O campo educacional tem sido objeto de frequente foco de grupos conservadores que, com interesses políticos diversos, buscam banir as discussões sobre os direitos de meninas, mulheres e pessoas LGBTI+ das práticas pedagógicas escolares.

Nesse contexto, Miskolci (2017) destaca que os embates políticos sobre direitos sexuais e reprodutivos têm se dado no enquadramento do medo e da perseguição às ideias que defendem a igualdade, por exemplo, entre homens e mulheres, assim como entre pessoas heterossexuais, cisgêneras e LGBTI+. No âmbito escolar, tal questão se acentua quando se coloca a discussão de gênero "como suposta ameaça às crianças e à família brasileira" (p. 6).

Entre as práticas pedagógicas escolares atravessadas pelas questões de gênero, a Educação Física ganha destaque. Historicamente, as aulas separadas por sexo, mistas e coeducativas dominaram o debate sobre a participação de meninos e meninas na Educação Física escolar, tensionando um suposto determinismo biológico (SANTOS; BRITO, 2020), que tornou o debate sobre gênero quase que intrínseco nesta disciplina.

Assim, entendendo o esporte como um conteúdo hegemônico presente nas aulas de Educação Física escolar, observa-se a necessidade de explorarmos as possibilidades de discussão e questionarmos a configuração em que esse

¹ "Tenho medo, esse era o objetivo deles": esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/report/2022/05/12/381942>. Acesso em: 28 nov. 2022.



conteúdo se expressa majoritariamente, distanciando-se do cunho didático-pedagógico e de uma perspectiva inclusiva, enfocando em rendimento, habilidade e aptidão física, que pode ocasionar diferentes situações excludentes. Assim, propiciar e desenvolver uma compreensão crítica das diferentes formas em que se apresentam as encenações esportivas, seus contextos, seus interesses, tal como suas adversidades e tensões sociopolíticas, é pedagogicamente relevante (KUNZ, 2004).

Por esse caminho, correlacionando a Educação Física, o esporte e o gênero, concordamos com a importância de problematizar essas relações nas aulas de Educação Física, entendendo o espaço da escola com um “espaço privilegiado de construção de significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania” (DARIDO, 2002, p.2)

Neste trabalho, situamos gênero, esporte e seus desdobramentos embasados numa perspectiva inclusiva. Alguns trabalhos já trouxeram essa articulação entre gênero e inclusão (BRITO; SANTOS, 2013, 2015, 2018; BRITO; FREITAS; SANTOS, 2014; AMORIM; FONSECA; BRITO, 2022; FONSECA; CARDOSO; OLIVEIRA, 2023) e, desse modo, buscaremos com este artigo produzir outras contribuições para o debate.

Compreendemos o gênero como uma categoria da diferença e, certamente, articulada à perspectiva inclusiva. Nesse sentido, entende-se diferença como sinônimo de igualdade (SCOTT, 1994), isto é, a noção de diferença dá sentido a processos de alteridade: o reconhecimento das singularidades e das subjetividades dos sujeitos, que permite uma compreensão mais profunda de aspectos relacionados à subalternização e exclusão, uma possibilidade de transformação das relações de poder na sociedade (FONSECA; BRITO, 2022).

Com isso, nos embasamos na proposta de inclusão como um conceito amplo, processual, infundável e dialético em relação a exclusão; tal abrangência se refere a todas as desvalorizações e práticas excludentes porque passam quaisquer pessoas, seja com base na deficiência, gênero, religião, sexualidade, etnia e vários outros marcadores sociais (SAWAIA, 2022; BOOTH; AINSCOW, 2012; SANTOS; FONSECA; MELO, 2009).

Retomada a discussão acerca da configuração do esporte nas aulas de Educação Física no espaço da escola, Fonseca e Ramos (2017, p.197) destacam que:

É importante frisar que não estamos apontando aqui ser o esporte o “vilão da história”, o que condenamos é a eleição dele enquanto única possibilidade de conteúdo, aliada à ênfase no saber fazer, no gesto desportivo perfeito e no rendimento técnico (FONSECA; RAMOS, 2017, p. 197).

Por esta razão, a crítica a ser relatada nesta experiência contempla a necessidade de discussão acerca das relações de gênero nas aulas de Educação Física, de modo a desestabilizar a neutralidade de práticas escolares, constantemente sustentadas por uma lógica discriminatória e excludente.



No cerne de possibilidades de ações educativas pautadas numa perspectiva inclusiva, atribuir novas práticas por diferentes abordagens e tematizações do conteúdo, retoma a oportunidade de desconstruir o esporte como um processo generificado e um “campo naturalmente masculino” (GOELLNER, 2013, p.52).

Considerando isso, a compreensão sobre as barreiras envolvendo a prática do esporte diferenciada para meninos e meninas nas aulas de Educação Física, nos impulsiona a ampliar os espaços pedagógicos para a construção de relações horizontalizadas e dialógicas, se distanciando da hierarquização. Esse movimento nos aproxima do princípio da inclusão, na medida em que percebemos a possibilidade de desconstrução do esporte enquanto conteúdo majoritário e excludente na Educação Física escolar, rumo à construção de uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem que visa a cooperação, a reflexão, o trabalho coletivo e a igualdade de direitos.

Partindo desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é discutir e problematizar percepções de estudantes sobre gênero e esporte nas aulas de Educação Física. Portanto, espera-se contribuir nas reflexões e explorações acerca deste conteúdo, como modo de contribuir também para a construção de uma Educação Física mais inclusiva.

2. Gênero e Inclusão: diálogos

O termo inclusão, recorrentemente associado às pessoas com deficiência, está inserido em um contexto mais amplo aqui neste artigo. Compreendemos inclusão como um processo, articulado ao reconhecimento das diferenças por meio de princípios democráticos de participação plena e visto como uma luta em todas as esferas da vida humana (BRITO; SANTOS, 2018).

Categorias da diferença como gênero, sexualidade, classe social, raça, idade, entre outras também estão suscetíveis, assim como a deficiência, a situações de exclusões na sociedade em geral e, desse modo, inclusão e exclusão são conceitos intrinsecamente ligados e que devem ser compreendidos numa relação dialética (FONSECA; BRITO, 2022).

O conceito de gênero que articulamos ao conceito de inclusão neste texto está localizado na chamada terceira onda do movimento de mulheres, fase em que a noção de diferença marcou as lutas feministas em prol da igualdade de direitos. Ainda que exista outras vertentes da teoria feminista, a perspectiva feminista pós-estruturalista se mostra potente para o debate que propomos, entendendo que a linguagem, a cultura e as relações de poder afetaram significativamente o sentido do termo gênero na sociedade.

No cerne dessa discussão, a teórica feminista Judith Butler defendeu a desconstrução do par binário sexo/gênero, contestando a fixidez de que o sexo é natural e o gênero é cultural e que eles coexistem numa relação necessariamente mútua, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restringido. Butler (2015, p. 26) afirma então que “não decorre daí que a construção de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo

‘mulheres’ interprete somente corpos femininos”, assim, tal abertura possibilita que “homem e masculino podem, com facilidade, significar tanto um corpo feminino e masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino”.

É por essa proposição que a autora reconhece o gênero como performativo: “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser” (BUTLER, 2015, p. 69). Um processo que é contingente e passível de fracassos, pois existem corpos que escapam das regulações sociais e performatizam feminilidades e masculinidades desviantes das normas.

Nesse sentido, as pesquisas de Brito e Santos (2013, 2015, 2018), Brito, Freitas e Santos (2014), Amorim, Fonseca e Brito (2022) e Fonseca, Cardoso e Oliveira (2023) focalizaram como feminilidades e masculinidades tensionavam os processos de inclusão/exclusão nos cotidianos escolares, denotando como a categoria gênero se mostrava como um marcador da diferença importante e presente nas vivências e experiências de crianças e jovens nas escolas. Assim, defendemos a importância da articulação entre gênero e inclusão possibilitando um olhar analítico mais potente para o reconhecimento das diferenças nos espaços escolares, sobretudo nas aulas de Educação Física:

As construções de homens e mulheres, meninos e meninas são reforçadas em diversos aspectos e âmbitos sociais ao longo da vida, o que os/as aproxima e distancia de muitos espaços e práticas, como na escola e nas aulas de Educação Física. Essas polarizações dentro do contexto das aulas condiciona e salienta as desigualdades existentes (AMORIM; FONSECA; BRITO, 2022, p. 98).

Este presente trabalho deriva de uma das ações desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva (PEFEPI), vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física escolar (LEPIDEFE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse projeto acontece em uma escola pública do Rio de Janeiro e objetiva construir colaborativamente ações mais inclusivas nas aulas de Educação Física na escola em que atua, abordando a diversificação de conteúdos e o ensino colaborativo como estratégias pedagógicas inclusivas, conforme experiências socializadas em outros estudos de Fonseca e Ramos (2017); Fonseca et al. (2021); Caloieiro, Coelho e Fonseca (2021); Amorim, Fonseca e Brito (2022); Fonseca, Peres e Ludovino (2022).

Fonseca e Ramos (2017) apontam que a diversificação de conteúdos se aproxima da perspectiva ampla de inclusão ao considerar a operacionalização dos elementos da cultura corporal nas aulas de Educação Física e suas diversas possibilidades de variação, oportunizando aos estudantes um maior leque de experiências corporais e reflexivas, considerando suas singularidades. Diante da seleção de conteúdos nesse sentido, admite-se a necessidade de diferentes

dimensões para um mesmo conteúdo, além de abordagens avaliativas e metodológicas diversificadas que contemplem as diferenças dos(as) estudantes.

Ensino colaborativo é uma expressão comumente voltada a atender o público-alvo da educação especial (estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação) e tem por finalidade a colaboração parceira de professores do ensino comum e especial (BRAUN; MARIN, 2016; VILARONGA; MENDES, 2014; MENDES; ALMEIDA; TOYODA, 2011). Embasado nas elaborações das citadas autoras, nos inspiramos na compreensão da colaboração de maneira não hierarquizada, e por este caminho, a nossa ação não se restringe a atender o público-alvo da educação especial, mas a todos(as) os envolvidos no processo, valorizando suas singularidades e diferenças, reconhecendo assim, suas necessidades específicas.

Desta maneira, no projeto, compreendemos o ensino colaborativo como uma ação coletiva e compartilhada envolvendo os planejamentos, as aulas e as avaliações, numa perspectiva que não envolve os especialistas da educação especial, mas docentes e os(as) estudantes extensionistas, o que não diminui a importância do trabalho a ser realizado, visto que nos percebemos como docentes em constante formação atuando na perspectiva inclusiva.

3. Metodologia

No que tange os aspectos metodológicos, este estudo se baseia em uma abordagem colaborativa por meio de uma pesquisa-ação, também adotada no citado projeto de extensão. Thiollent (2011), define a pesquisa-ação como uma pesquisa em que os(as) pesquisadores(as) e os sujeitos do processo participam na ação e resolução de um problema coletivo, possibilitando a reflexão acerca das práticas pedagógicas que podem retratar diferentes problematizações sociais, que demandam novas elaborações sobre a realidade vivida.

Para esta pesquisa, participaram duas turmas de nono ano da escola onde atua o projeto de extensão, totalizando 65 estudantes. O perfil dos(as) estudantes configura-se em jovens de 14 a 16 anos, com maior predominância de meninos em ambas turmas.

Neste trabalho, a problemática central refere-se à experiência dos esportes e as relações de gênero no âmbito da Educação Física escolar. Com isso, utilizamos como instrumento de coleta de dados, os relatos no diário de campo da extensionista participante do projeto que retratou o grupo de discussão com os/as estudantes.

Ressaltamos que o projeto de extensão acompanha as turmas ao longo de todo período letivo. Durante o 3º bimestre de 2019, eles(as) puderam experimentar os esportes sob diferentes perspectivas, destacando suas problematizações e possibilidades corporais-reflexivas em propostas que incentivaram a participação coletiva.

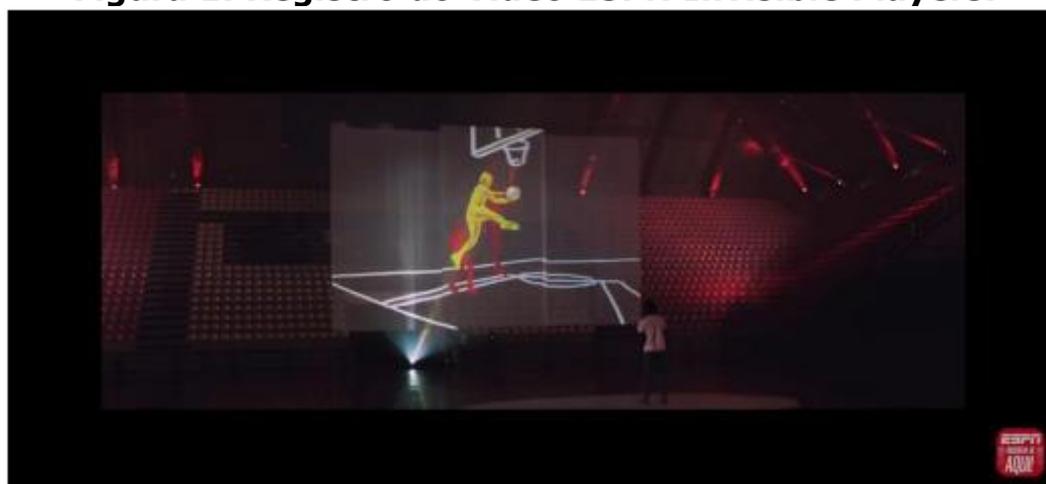
4. Resultados e discussões

No início da aula, os(as) estudantes foram perguntados sobre seus ídolos e referências, considerando qualquer esporte. De acordo com as respostas trazidas por eles(as), o esporte citado majoritariamente foi o futebol e as figuras mais mencionadas foram Neymar Júnior, Pelé e Gabriel Barbosa. Apenas duas mulheres foram citadas, Formiga e Marta.

Apontado o futebol como esporte central de acordo com referências expostas, o cenário “genericado” dos esportes se justifica nas figuras trazidas pelos(as) estudantes. Uma vez que esse processo assegura a distribuição de comportamentos e habilidades categorizados em masculinos e femininos, uma visão estereotipada e universal acerca de homens e mulheres transparece (PRADO; RIBEIRO, 2014).

Após esse momento inicial, propusemos um grupo de discussão a partir da exibição de dois vídeos objetivando suscitar a reflexão dos(as) estudantes. O primeiro vídeo¹ intencionou instigar as percepções deles e delas sobre quais atletas de futebol, basquete e surfe estavam sendo representados nas ações e movimentos às sombras.

Figura 1: Registro do Video ESPN Invisible Players.



Fonte: acervo dos autores

Os(as) estudantes foram convidados a escreverem num papel quem eram as figuras que apareceram nas sombras. Somente a primeira parte do vídeo foi exibida mostrando as ações dos(as) atletas de cada esporte e foi pausado no minuto 1:01. Na sequência, considerando todo o contexto de aula e as dinâmicas apresentadas, propusemos que eles(as) tivessem a oportunidade de relatar quem eram as pessoas nas sombras do vídeo. As menções dos(as) estudantes evidenciaram majoritariamente atletas homens reconhecidos nos seus esportes: Michael Jordan; Lebron James; Messi; Neymar Júnior, Gabriel Medina, etc.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>, Acesso em: 13 dez. 2022.

Quadro 1: Relação das menções trazidas pelos(as) estudantes.

1ª EXIBIÇÃO DAS SOMBRAS		
BASQUETE	FUTEBOL	SURFE
MICHAEL JORDAN (35)	LIONEL MESSI (31)	GABRIEL MEDINA (58)
LEBRON JAMES (16)	NEYMAR JÚNIOR (20)	MAYA GABEIRA (2)
OSCAR (6)	CRISTIANO RONALDO (5)	MINEIRINHO (2)
KEVIN DURANT (2)	ROMÁRIO (4)	ANDY IRONS (1)
SHAQUILLE O'NEAL (2)	PELÉ (2)	KEVIN SLATER (1)
KEVIN DURANT (2)	MARTA (2)	NENHUMA MENÇÃO (1)
NENHUMA MENÇÃO (2)	NENHUMA MENÇÃO (1)	

Fonte: as autoras.

Após escreverem quem estava ocultado pelas sombras, propusemos exibir novamente o vídeo (do início até o minuto 1:01), e os(as) estudantes tiveram outra chance de repensarem sobre as figuras nas sombras. Instigamos se os(as) atletas indicados eram os destacados na grande mídia esportiva. Até aquele momento, ainda não tínhamos incitado diretamente sobre as questões de gênero e os(as) estudantes também não tinham sinalizado nada sobre esse assunto. Observamos que poucos estudantes repensaram sobre os nomes escolhidos e a maioria sustentou suas referências apontadas anteriormente – predominantemente atletas homens.

Quadro 2: Relação das menções trazidas pelos/as estudantes.

2ª EXIBIÇÃO DAS SOMBRAS		
BASQUETE	FUTEBOL	SURFE
MICHAEL JORDAN (37)	LIONEL MESSI (23)	GABRIEL MEDINA (55)
LEBRON JAMES (15)	NEYMAR JÚNIOR (22)	MAYA GABEIRA (4)
OSCAR (6)	MARTA (10)	MINEIRINHO (2)
SHAQUILLE O'NEAL (2)	ROMÁRIO (5)	CADU MAVERICK (2)
KEVIN DURANT (2)	CRISTIANO RONALDO (4)	ANDY IRONS (1)
STEPHEN CURRY (1)	NENHUMA MENÇÃO (1)	NENHUMA MENÇÃO (2)
NENHUMA MENÇÃO (1)		

Fonte: as autoras.

Depois das duas exibições às sombras, tivemos 65 menções de ambas as turmas: 16 figuras de homens e apenas 2 mulheres foram apresentadas. Vale

ressaltar que quatro estudantes não quiseram indicar nenhuma figura de atleta relacionada ao vídeo.

Tecendo a crítica às normatizações de gênero presentes na escola, o fazer esportivo, mais próximo aos estudantes que se identificam como homens, confrontam a necessidade de repensarmos as construções sociais que afetam as aulas de Educação Física. A naturalização dessa proximidade dos meninos aos esportes, apontado por Fernandes e Altmann (2020, p. 41) “obscurecem o processo educativo” e precisam ser desestabilizadas com práticas pedagógicas que tensionem as questões de gênero.

Pausamos a discussão e o primeiro vídeo. Em seguida, um segundo vídeo¹ foi exibido com intuito de causar um impacto, posto que apresenta uma visão outra sobre a participação de homens e mulheres no campo esportivo. A proposta era provocar uma inquietação ao desestabilizar os espaços historicamente direcionados aos interesses de homens e mulheres, meninos e meninas em relação ao esporte, ainda marcado pela fixidez do gênero, porém no vídeo, as mulheres são colocadas como protagonistas no cenário do futebol.

Figura2: Registro do vídeo Heineken The Cliché.



Fonte: as autoras

De todas as observações e percepções do grupo de discussão com ambas as turmas de estudantes, alguns pontos foram retratados diante da intermediação das professoras no conteúdo dos vídeos. Das inúmeras reações ao segundo vídeo, a surpresa com o fato das mulheres estarem num dos eventos futebolísticos mais importantes causou um choque, principalmente aos estudantes do gênero masculino de ambas turmas.

No segundo vídeo, o choque foi de extrema importância para que eles pudessem repensar essas atribuições das mulheres no esporte e, sobretudo, no futebol, um esporte que ainda é sub-representado na participação de mulheres e principalmente no contexto

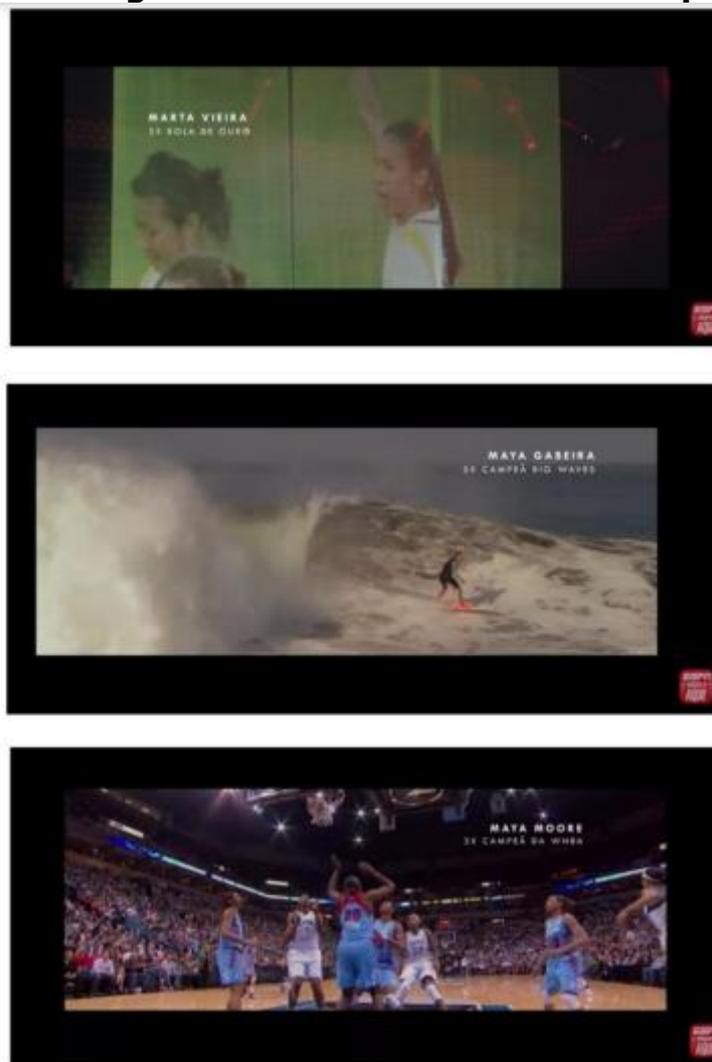
¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wrmKI_HV4-A&t=17s, acessado em 13 dez. 22.

brasileiro, que podem ser tematizadas de diferentes formas nas aulas de educação física. (Relato no diário de campo)

A proposta, ao exibirmos o segundo vídeo, era justamente provocar uma inquietação ao desestabilizarmos espaços comumente direcionados fixamente aos homens e às mulheres. As mulheres sendo evidenciadas como protagonistas no cenário do futebol, desencadeou relatos atônitos dos(as) estudantes, o que de certa maneira, corrobora as reflexões de Terossi, D'Angelo e Stilli (2009) ao apontar que a história das mulheres no esporte é uma história de exclusão.

Caminhando para o final da aula, após todas essas provocações e experiências vividas, apresentamos novamente o primeiro vídeo, continuando a exibição a partir do minuto (1:02) revelando a imagem das sombras e analisando as percepções sobre as figuras de atletas mulheres nos três diferentes esportes (Futebol - Marta Vieira, Surfe - Maya Gabeira, Basquete - Maya Moore).

Figura 3: Registro do vídeo ESPN Invisible players.



Fonte: as autoras.

Durante a exibição dos vídeos em sala de aula, pude perceber algumas reações dos meninos de ambas as turmas, principalmente a surpresa junto com os participantes de ambos os vídeos, ocasionando arguições quanto a imagem corporal das sombras que aparecem no primeiro vídeo, a retaliação do objetivo de só aparecerem as mulheres e as discussões que poderiam ser levantadas se invertessem os papéis. (Relato no diário de campo)

Alguns relatos e reações foram destacadas no revelar das sombras e ocasionaram inquietações no grupo de discussão. Neste momento, as questões vinculadas à imagem corporal de homens e mulheres, aos espaços atribuídos na sociedade e o apontamento das principais referências no esporte foram as problemáticas mais relevantes apresentadas pelos(as) estudantes dentre todas as propostas feitas em aula.

No último momento de aula, as discussões foram ainda mais evidentes ao esporte futebol, cuja prática mais se aproxima ao cotidiano da maioria dos estudantes. A figura da mulher no futebol ainda se delimita a jogadoras como Marta e Formiga, evidenciando a lacuna desse esporte no campo das mulheres ao longo do tempo. O surfe e o basquete tiveram menções na discussão ainda mais reduzidas, apresentando-se nenhum ou uma figura feminina. As imagens de mulheres no esporte, permanecem sub-representadas nos discursos dos estudantes que refletem e são refletidos diariamente nas aulas de educação física e na forma de como são vivenciadas. (Relato do Diário de Campo)

Não somente essa aula, mas todas as aulas do bimestre foram pensadas para reconfigurar o modo como percebiam o esporte, nesta especificamente, fundamentamos estratégias que provocassem os(as) estudantes diante da participação de mulheres no mundo do esporte. Dessa maneira, perceber como os conteúdos são propostos reflete a importância do estímulo à participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física, em suas proximidades e também seus distanciamentos, e quais os fatores que ocasionam e possivelmente sustentam esse distanciamento, pois notamos certo silenciamento das meninas, mesmo que toda a aula estivesse aberta à participação efetiva delas.

Brito e Santos (2015) afirmam que é muito comum nos espaços escolares se atribuir às meninas características como sossegadas, caprichosas, estudiosas, entre outras e que são comumente associadas a uma performatização de feminilidade normativa. Tal essencialização, certamente, afastará as meninas das aulas de Educação Física, já que, socialmente, o contexto cultural as distancia das práticas corporais e esportivas, conforme o resultado da prática pedagógica desenvolvida nos mostrou.

Amorim, Fonseca e Brito (2022) defendem a importância das discussões de gênero nas escolas, pensando especificamente a Educação Física escolar, e sinalizam a relevância da ressignificação de conteúdos mais hegemônicos da cultura corporal – especificamente o esporte – para focalizar experiências mais

inclusivas e efetivas para meninos e meninas, fazendo-se necessária a adoção de: “estratégias que minimizem essas exclusões e que dialoguem diariamente com as problemáticas sociais emergidas em seu contexto, como as próprias questões de gênero” (p. 106).

Assim, evidenciamos a importância do estreito diálogo entre a escola e a universidade fortalecido pela extensão universitária, bem como do ensino colaborativo e da diversificação de conteúdos como estratégias pedagógicas inclusivas nas aulas de Educação Física como forma de problematizar os processos de inclusão/exclusão e a necessidade de uma educação que considere e valorize as diferenças.

Por este caminho, o ensino colaborativo ressalta a construção coletiva no contexto escolar por meio da parceria entre professores(as) de educação física e os(as) extensionistas, de modo a trabalharem juntos e compartilharem responsabilidades, nos planejamentos, nas propostas avaliativas e em todo processo do trabalho a ser desenvolvido. Dessa forma, toda a experiência pedagógica relatada concorda com a perspectiva inclusiva proposta.

A diversificação de conteúdos é uma forma de valorizar os diversos elementos da cultura corporal e seus múltiplos desdobramentos que ao longo dos tempos são/foram desvalorizados em detrimento do esporte. No caso deste artigo, abordamos o esporte como elemento de tensão e reflexão se distanciando da ênfase estrita no saber fazer, na exclusão histórica das meninas nas aulas e na invisibilidade delas no campo esportivo. Apontamos, portanto, que é preciso refletir sobre o uso que se faz do esporte na Educação Física Escolar, pois mesmo que majoritariamente presente, é possível uma abordagem outra que potencialize as reflexões, as discussões, as descobertas, as des(construções) acerca do esporte, principalmente levando em conta o contexto daquela realidade vivida.

Com isso, reforçamos que a inclusão discutida neste trabalho abrange a todos e todas, contemplando as diferenças e necessidades específicas dos(as) estudantes. A partir das elaborações de Fonseca e Ramos (2017), representadas em outros trabalhos aqui citados, é importante compreender que mais importante do que diversificar as práticas corporais, os conteúdos, as metodologias e avaliações inerentes ao cunho pedagógico da educação física escolar, é pensar que não basta diversificar se a ênfase continua sendo na aptidão física, na técnica e no rendimento padronizado, o que potencializaria práticas excludentes.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar e discutir a percepção dos(as) estudantes na tematização dos esportes e as relações de gênero nas aulas de Educação Física. A partir disso, apontamos que abordar o esporte como conteúdo na educação física escolar, considerando a sua potência como elemento da cultura corporal, as inúmeras possibilidades de abordar suas complexidades e contradições, materializadas em práticas corporais-reflexivas que contribuam

para a desconstrução de padronizações direcionadas para meninos e meninas, se aproxima de um trato didático-pedagógico menos discriminatório e mais inclusivo.

Toda a experiência aqui compartilhada dialoga com a necessidade de repensarmos as ações pedagógicas na Educação Física escolar e suas diversas linguagens que possibilitem uma maior participação de todos(as). Com isso, a diversificação de conteúdos se apresenta como uma estratégia pedagógica inclusiva potente e com vasta flexibilidade mediante ao esporte, assim como as lutas, jogos, danças, ginásticas e suas proposições didáticas.

Assim, este artigo socializa construções coletivas para a materialização de ações formativas na perspectiva inclusiva que questionam o âmbito esportivo generificado, propondo diferentes abordagens do esporte, de modo a fomentar reflexões sobre contextos excludentes que ainda consideram o gênero enquanto dispositivo regulador.

Entendemos que a função social dos(as) docentes passa pela proposição/construção de espaços em que caibam problematizações acerca dos diversos tipos de violências, discriminações e exclusões inerentes a sociedade, que refletem e são refletidas pelo âmbito escolar, na direção de uma educação e uma Educação Física democrática, inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

AMORIM, July Roberta dos Santos; FONSECA, Michele Pereira de Souza da; BRITO, Leandro Teofilo de. "Bruna fechou o gol hoje": o futebol como tecnologia sexopolítica na Educação Física escolar. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 14, p. 88-109, 2022.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index Para a Inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Produzido pelo LaPEADE, Rio de Janeiro, 2012.

BRAUN, Patrícia; MARIN, Márcia. Ensino colaborativo: uma possibilidade do Atendimento Educacional Especializado. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 193-215, set./dez. 2016.

BRITO, Leandro Teofilo de; FREITAS, José Guilherme de Oliveira; SANTOS, Mônica Pereira dos. Não, Isso não é Coisa pra Homem: Masculinidades e os Processos de Inclusão/Exclusão em uma Escola da Baixada Fluminense - RJ. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 5, p. 114-125, 2014.

BRITO, Leandro Teofilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, p. 235-246, 2013.



BRITO, Leandro Teofilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Diferentes formas de ser uma menina na escola: apontamentos sobre feminilidades e os processos de inclusão/exclusão. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, p. 381/8-389, 2015.

BRITO, Leandro Teofilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Sexualidade e inclusão no espaço escolar: um debate com base na perspectiva omnilética. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 9, p. 51-71, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALOEIRO, Giovanna Trotte; COELHO, Cíntia Carolina.; FONSECA, Michele Pereira de Souza da. Projeto de Extensão Educação Física escolar na Perspectiva Inclusiva: Possibilidades no ensino remoto. **Temas em Educação Física escolar**, Rio de Janeiro, v.6, n.3, p. 1-17, 2021.

DARIDO, Suraya. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v.8, n.2, 2002.

FERNANDES, Simone Cecília; ALTMANN, Helena. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer esportivo de meninas. In: s WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Orgs). **Gênero e sexualidade no esporte e na Educação Física**. Ciências do esporte, educação física e produção de conhecimento em 40 anos de CBCE, volume 6, Natal, RN: EDUFRN, 2020, p. 31-46.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; BRITO, Leandro Teofilo de. Por uma perspectiva inclusiva na Educação Física escolar. In: CARVALHO, Rosa Malena de Araújo; PALMA, Alexandre, CAVALCANTI, André dos Santos Souza (Orgs.). **Educação física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói - RJ: Intertexto, 2022, p. 69-83.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; CARDOZO, Luiza Fagundes; OLIVEIRA, Victor Barreto Gonçalves de. Questões de gênero em movimento na Educação Física escolar. **Revista Educação & Emancipação**, São Luiz, v. 16, p. 414-439, 2023.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; RAMOS, Maitê. Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar. In: PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas (Org.). **Conhecimentos do professor de Educação Física escolar**. Fortaleza: EDUECE, 2017, p. 184-208.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; PERES, Mariana; LUDOVINO, Raquel. Relato de experiência no projeto de extensão Educação Física escolar na

perspectiva inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas. **Cadernos de Aplicação**, Porto Alegre, v.36, 2023.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; RODRIGUES, Luciana; OLIVEIRA, Victor; MELO, Lucas. Jogos africanos no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva. **Cadernos da Educação Básica**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1-17, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Porto Alegre, v. 19 n. 34, p. 45-52, Jan./Jun. 2013.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

MENDES, Eniceia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia; TOYODA, Cristina Yoshie. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 81-93, jul./set. 2011.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero". **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, p. 1-14, 2017.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais. **Revista de Educação da PUC-Campinas**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 205-214, set./dez, 2014.

SANTOS, Ana Paula da Silva; BRITO, Leandro Teofilo de. Disputas pela (des)estabilização do regime cisheteronormativo na Educação Física escolar. **Educación Física y Ciencia**, La Plata, v. 22, p. 1-16, 2020.

SANTOS, Mônica Pereira dos; FONSECA, Michele Pereira de Souza da; MELO, Sandra. **Inclusão em Educação**: diferentes interfaces. Curitiba: CRV, 2009.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Editora Vozes, 2022

SCOTT, Joan. Deconstruir igualdad-versus-diferencia: usos de La teoría pos-estructuralista para el feminismo. **Revista Feminaria**, Buenos Aires, v. 7, n. 13, p. 1-9, 1994.

TEROSSA, Maria Beatriz; D'ANGELO, Adriana Paula; STILLI, Daniela Avelar de Bessa. Futebol e gênero: a visão nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 1-16, mar. 2009.



THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

VILARONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, Enicéia Gonçalves. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-15, 2014.

Recebido em: 20 de dezembro de 2022.

Aceito em: 11 de setembro de 2023.

Publicado em: 16 de novembro de 2023.

